

III

A CASA DA MISERICÓRDIA

Ao lado da estrada, há outra realidade fundamental na existência humana, a casa. Na língua do Antigo Testamento, o hebraico, constitui também a denominação da segunda letra do alfabeto, *bêt*, a qual é graficamente semelhante a uma casa aberta, para recordar que este espaço familiar não deve ser fechado em si próprio. É o que acontece, ao contrário, na sociedade contemporânea que é marcada - por vezes também com razão – pelo medo do outro e do diverso e assume, por isso, como sinal ideal não a porta de casa aberta para o pátio, mas a porta blindada e fechada. Certamente, o povo da Bíblia é por excelência a comunidade da estrada, consideradas as suas origens nômades, como recorda David na oração de ofertório dos dons para a edificação do templo de Sião (muitas vezes chamado simplesmente “a casa” por excelência), que executará o seu filho Salomão: «Diante de ti, não passamos de estrangeiros e peregrinos como todos os nossos pais» (*1Cr 29,15*).

Todavia, na Bíblia a “casa” torna-se o termo fundamental para designar a família, o “lar”, isto é as pessoas viventes que experimentam cotidianamente alegrias e sofrimentos, esplendores e misérias, amor e ódio. Exatamente por isto o profeta Natan, no célebre oráculo divino que dirige a David (*2Sam 7*), afirmará que o Senhor antes ainda que habitar a “casa” (*bêt*) material do templo, prefere habitar na «casa (*bêt*) de David», isto é na sua descendência feita de criaturas vivas, no fluir da história e no tempo onde aparecerá o Messias, homem entre os homens e mulheres da “casa” humana.

Pois bem, agora procuraremos entrar – entre as tantas possíveis – em três casas ideais diferentes que nos apresenta a Sagrada Escritura, pondo-as todas sob a divisa da misericórdia. Nelas encontraremos realidades que fazem parte da nossa experiência cotidiana, humana, espiritual e pastoral: a violência, a traição, a solidariedade amorosa. Como dizíamos, em todas estas três moradas se acenderá a chama da misericórdia, o tema teológico, moral e existencial que é o fio condutor das

nossas reflexões. Belíssima é a afirmação de Lutero que se une bem com o símbolo da casa: «A misericórdia de Deus é como o céu que permanece sempre firme sobre nós. Sob este belo teto estamos sempre seguros seja onde for que nos encontremos».

Misericórdia para um homicida

Para a Bíblia a primeira casa e a primeira família é a de Adão e Eva e dos dois filhos Caim e Abel (*Gen 4, 1-15*). Contudo, esta morada hospeda já no seu interior uma tragédia. De fato, esta é a primeira entre tantas páginas sangrentas da Bíblia. O livro sacro, realmente, não é um irrepreensível e asséptico texto de teologia, mas é a narração da história humana onde são dois os protagonistas, Deus e nós, com a nossa liberdade de escolher o bem e o mal. Em cena, está agora a violência familiar e social que enche ainda hoje a crônica dos nossos dias. Sim, porque Abel e Caim não são só dois irmãos da mesma família, mas encarnam, respectivamente, o estilo de vida nômade e o sedentário-urbano. Não é por acaso que Caim foi o primeiro construtor de cidades (*Gen 4,17*) e ironicamente um escritor inglês, Adam Cowley, observava que «Deus fez o primeiro jardim e Caim a primeira cidade».

Violência familiar e social, portanto, estriam de ódio e morte o milenário viver humano. A primeira intervenção divina em relação a Caim, o homicida, é necessariamente assinalada pela justiça: «Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim. Serás amaldiçoado pela terra, que, por causa de ti, abriu a boca para beber o sangue do teu irmão» (*Gen 4,10-11*). A base da vida comunitária é a justiça e também nós, por isso, devemos estar da parte de Abel e tomar partido pelas vítimas da violência e da prevaricação. Lá encontramos já Deus com o seu severo juízo moral que o Salmista pinta com esta imagem intensa e veemente: «Na mão do Senhor há uma taça cheia de vinho forte a espumar. Dela dá a beber aos malvados da terra; e eles sorvem-na até ao fim» (*Sal 75,9*).

Há, porém, outro ato que Deus realiza. A justiça é a sua primeira mas não última palavra. Diante de Caim que reconhece o seu delito - «demasiado grande é a minha culpa para obter perdão» (4,13) – brota a misericórdia divina. O criminoso não

sai fora do horizonte do Criador que o tutela da espiral infinita da violência: «Se alguém matar Caim, será castigado sete vezes mais.» E o Senhor marcou-o com um sinal, a fim de nunca ser morto por quem o viesse a encontrar» (4,15). Sobre este sinal muito se discutiu e foi considerado como a memória histórica de uma característica da tribo dos descendentes de Caim, talvez os Quenitas, presentes na Bíblia: um seu distintivo de clã ou uma tatuagem ou cabeleira típica ou um emblema identitário ou um sinal protetor de vinganças.

Certo é que na nossa narração este elemento tem um valor religioso. É o indicio da cura misericordiosa de Deus também em relação aos culpados. O Senhor condena o assassino, mas não o abandona ao seu destino, antes, recolhe-o sob a sua suprema jurisdição, a quem todas as vidas pertencem. Não é, portanto, lícita a pena de morte porque somente Deus «tem nas suas mãos a vida de todo o ser vivo e o sopro de vida de todo o ser humano» (*Jô* 12,10). A justiça e a condenação não diminuem, mas ao culpado é sempre aberta a via da redenção que desabrocha do entrelaçamento entre a sua conversão e a misericórdia divina. São significativas as palavras do Senhor referidas pelo profeta Ezequiel, já evocadas: «Porventura me hei de comprazer com a morte do pecador – oráculo do Senhor Deus – e não com o fato de ele se converter e viver?... Pois Eu não me comprazo com a morte de quem quer que seja – oráculo do Senhor Deus. Convertei-vos e vivei.» (18,23.32).

Concluimos esta primeira cena familiar, onde domina uma casa envolvida por um drama interno a ela, com uma reelaboração que o famoso escritor argentino Jorge Luis Borges conduziu sobre esta narrativa bíblica segundo o tema do perdão. Nos espaços infinitos de vida do além os dois irmãos encontram-se de novo, acendem o fogo e põem-se a cear. «À luz das chamas, Caim notou sobre a fronte de Abel o sinal da pedra e, deixando cair o pão que estava para levar à boca, pediu para ser perdoado pelo seu delito. Mas Abel respondeu: ‘Tu mataste-me, ou eu matei-te a ti? Não me recordo: estamos aqui em conjunto como antes!’. Caim, então concluiu: ‘Agora sei que me perdoaste verdadeiramente porque esquecer é perdoar’».

Verdadeiramente, o teólogo Virgilio Elizondo inverte esta consideração: «Perdoar não significa esquecer; antes, se tivesse podido esquecer, não seria necessário perdoar. A verdadeira virtude consiste em perdoar recordando, porque perdoar significa ser libertos da ira interior dos ressentimentos e da busca de vingança que consuma cada fibra do meu ser». Abre-se, assim, o tema do perdão que é outro nome da misericórdia, um tema sobre o qual voltaremos a meditar.

Misericórdia por uma adúltera

Desta vez não está em cena uma casa material, mas é evocada uma história familiar marcada pela traição conjugal. É um assunto que se repete ininterruptamente dilacerando relações, criando recriminações e gerando sofrimentos em pais e filhos. Pense-se apenas na atormentada história familiar do próprio rei David que inicia com um adultério, que o soberano consuma com a mulher do seu oficial, a belíssima Betsabeia, com o rastro de um assassino e da morte do recém-nascido, fruto desta relação adúltera (2 *Sam* 11-12). Uma história que explodirá numa tragédia interna à família do próprio soberano, com uma violação, um homicídio e com a rebelião do filho Absalão que tentará mesmo tornar-se parricida e que acabará eliminado do exército pelo seu pai (2 *Sam* 13-19). Mas regressemos à cena que queremos agora propor para nossa reflexão. Estamos sobre a colina do templo de Sião em Jerusalém.

Sobre aquela vasta esplanada agora se levantam as duas cúpulas, a dourada da chamada mesquita de Omar e a prateada da mesquita de al-Aqsa, “a remota”, isto é, a mais afastada (então) de Meca. No século I, porém, aí erguia-se a imponente arquitetura do templo hebraico edificado por Herodes, do qual restam apenas as grossas rochas em esquadria da base, que compõem o conhecido “Muro das lamentações”. A narração do Evangelho de João (8,1-11) conduz-nos idealmente lá acima, numa manhã por volta do ano 30. Num setor daquela enorme praça reuniu-se um ajuntamento de pessoas aos berros que circundavam uma mulher, arrastada ali à força e atirada ao chão.

No círculo que se criou à sua volta, está, ao lado, também um homem que parece indiferente, ao ponto de estar a escrevinhar no pó. É Jesus de Nazaré e é a

única vez nos Evangelhos em que se diz que ele escreve: ninguém, contudo, saberá que coisa escrevesse naquele espaço, se algumas palavras ou simples traços casuais, como acontece a muitos quando escutam um discurso ou assistem a um evento. A razão do barulho que o circunda é logo explicada: aquela mulher tinha sido surpreendida em flagrante adultério e o delito, obedecendo à legislação bíblica, suponha a condenação exemplar de lapidação (*Lv* 20,10; *Dt* 22,22).

Pontualmente os escribas e os fariseus se fazem porta-vozes da exigência da observância rigorosa da norma legal: «Moisés na Lei manda-nos lapidar mulheres como esta!». E, quando a multidão é estimulada, a emoção da violência de grupo, aparentemente justificada, começa a percorrer a mente e as mãos das pessoas. Jesus conserva uma surpreendente distância, apesar de ser provocado pelos circunstantes que queriam envolve-lo de modo direto. Finalmente, Cristo levanta-se- Faz-se silêncio e as suas palavras caem como um banho de água fria sobre a ebulição daquela assembleia tumultuosa: «Quem de vós está sem pecado, que atire a primeira pedra contra ela!»

A frase é memorável e constitui um verdadeiro ato de acusação, uma espécie de indicador apontado contra todos os hipócritas. É fácil, a este ponto, notar o êxito desta provocação. As vozes aquietaram-se e lentamente o grupo de pessoas se dissolve e permanecem apenas dois, a adúltera e Jesus, num silêncio surreal, depois de tanto clamor. Santo Agostinho comentava, de modo fulgurante, este quadro final: *relecti sunt duo: misera et Misericordia*, permaneceram só dois: a mísera (mulher) e a misericórdia personificada em Cristo.

Uma misericórdia que não ignora a realidade da culpa e a necessidade de uma conversão. «Vai e não voltes a pecar». Mas o primado vai para o perdão que exclui qualquer juízo definitivo e impiedoso: «Eu não te condeno». Todo o acontecimento narrado por João – alguns, contudo, pensam que esta página, assente em muitos dos antigos códices que nos transmitem os Evangelhos, seja mais adaptada a Lucas, o evangelista da misericórdia, e indicam mesmo uma hipotética localização depois de *Lc* 21,38 – pode transformar-se numa lição de vida, também para os nossos dias. A

experiência amarga da traição conjugal atormenta com frequência os casais e a superficialidade que hoje alastra torna-a quase uma componente evidente. É o que pintava já de modo pitoresco o antigo sábio bíblico do livro dos Provérbios quando representava assim a mulher amoral: «Assim procede a mulher adúltera, a qual, depois de comer, limpa a boca, e diz: ‘Eu não fiz mal nenhum.’» (30,20).

É preciso, portanto, reforçar com Jesus a necessidade de regressar a um sentido moral mais vigilante, lapidarmente expresso naquele “não voltes a pecar!” Contudo é indispensável ter a capacidade de perdoar; é fácil despedaçar uma família, uma vida em comum, um vínculo profundo por um golpe de paixão. Mais corajoso é, ao contrário, procurar juntar os cacos e não perder o tesouro de amor que possuem os dois esposos. E como anotava o escritor francês François Mauriac, «o amor conjugal, que persiste através das vicissitudes, parece-me o mais belo dos milagres, ainda que seja também o mais comum».

Existe também um corolário a esta lição sobre a misericórdia e é a condenação de qualquer altiva superioridade e de qualquer hipocrisia julgadora em relação à pessoa culpada. Um escritor estadunidense, Michael Connelly, recordava no seu romance que cada vez que apontamos o indicador contra outro acusando-o, outros três dedos da nossa mão permanecem apontados contra nós. Ressoam, então, idealmente as palavras de Jesus: «Não julgueis e não sereis julgados, não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados» (Lc 6,37).

Misericórdia por uma viúva

Chegamos ao terceiro quadro, no nosso tríptico, sobre a casa da misericórdia. Entramos idealmente na pobre habitação de uma viúva estrangeira, acompanhando um profeta que é igualmente mísero e esfomeado: «os ricos recusam muitas vezes ajudar os pobres, enquanto os pobres dão tudo o que têm para ajudar quem não tem nada». Esta consideração do escritor estadunidense Erskine Caldwell no seu romance *A estrada do Tabaco* (1932) é confirmada muitas vezes na história, também nos nossos dias, pelo voluntariado e pelo empenho caritativo. Vale sempre o princípio que outro escritor, o russo Anton Chekov, anotava nos seus cadernos: «é mais fácil

pedir aos pobres que aos ricos». Quem não recorda a viúva miserável que na caixa das ofertas do templo de Jerusalém joga as únicas moedinhas que possuía, diante da admiração do próprio Jesus (Lc 21,1-4)?

Também no trecho, que agora lemos juntos, protagonista é uma viúva reduzida à extrema necessidade e mesmo assim capaz de generosidade. «Então o Senhor disse-lhe: ‘Levanta-te, vai para Sarepta de Sidónia e fica lá, pois ordenei a uma mulher viúva de lá que te alimente.’ Ele levantou-se e foi para Sarepta; ao chegar à entrada da cidade, eis que havia lá uma mulher viúva que andava a apanhar lenha; chamou-a e disse-lhe: ‘Vai-me arranjar, te peço, um pouco de água numa vasilha, para eu beber.’ Ela foi buscar a água e Elias chamou-a e disse-lhe: ‘Traz-me também um pedaço de pão nas tuas mãos.’ Então ela respondeu: ‘Pela vida do Senhor, teu Deus, não tenho pão cozido; tenho apenas um punhado de farinha na panela e um pouco de azeite na ânfora; mal tenha reunido um pouco de lenha entrarei em casa para preparar esse resto para mim e para meu filho; vamos comê-lo e depois morreremos.’ Elias disse-lhe: “Não tenhas medo; vai a casa e faz como disseste. Disso que tens faz-me um pãozinho e traz-mo; depois é que prepararás o resto para ti e para o teu filho. Porque assim fala o Senhor, Deus de Israel: ‘A panela da farinha não se esgotará, nem faltará o azeite na jarra até ao dia em que o Senhor mandar chuva sobre a face da terra.’” Ela foi e fez como lhe dissera Elias: comeu ele, ela e a sua família, durante alguns dias. Nem a farinha se acabou na panela, nem o azeite faltou na jarra, conforme dissera o Senhor pela boca de Elias» (*1Re 17,8-16*).

A narração é semelhante a um folorilégio franciscano, ainda que dedicado a Elias, o grande profeta de Israel, e será reeditada também pelo seu discípulo Eliseu (leia-se *2Re 4, 1-37*). O episódio não é ambientado no lugar de origem do profeta, Tisbe na atual Jordânia, mas em Sarepta no Líbano hodierno, na antiga Fenícia pagã. O próprio Jesus, no discurso programático que terá na sinagoga da sua aldeia, Nazaré, recordará este episódio: «havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou durante três anos e seis meses e houve uma grande fome em toda a terra; contudo, Elias não foi enviado a nenhuma delas, mas sim a uma viúva que vivia

em Sarepta de Sidónia.» (Lc 4,25-26). E será ainda Jesus a curar a filha de uma mulher desta mesma região de Tiro e Sidónia, uma mãe admirável pela força do seu amor e da sua fé (Mt 15,21-28; Mc 7,24-30).

A nossa cena é de ordinária miséria: uma viúva com filho a seu encargo está a apanhar lenha para atizar o fogo de uma refeição que lhe parece será última porque lhe resta penas um punhado de farinha e um pouco de azeite. No caminho, depara repentinamente com Elias, pobre e com fome como ela, que lhe pede um pedaço de pão. Com a generosidade típica dos pobres, aquela mulher aceita, confiando na promessa do profeta: «A panela da farinha não se esgotará, nem faltará o azeite na jarra». E assim aconteceu a ponto que «comeu ele, ela e a sua família, durante alguns dias».

É interessante notar que num antigo texto egípcio, dito *Sabedoria de Annemope*, se leia este apelo: «Não recusar ao estrangeiro o teu vaso de azeite... Deus prefere quem honra o pobre a quem venera o rico». A misericórdia gera misericórdia ainda maior, antes, pode produzir milagres. A este ponto queremos, de fato, introduzir um segundo ato no episódio do encontro entre Elias e a viúva, um evento que – por razões de espaço – não podemos citar mas que é a continuação do nosso trecho (1Re 17, 17-24).

De fato, de modo inesperado, o filho daquela mulher é atingido por grave doença que o conduz à morte. A mãe desesperada agarra-se ao profeta que retribui de forma desmedida a caridade compassiva com que tinha sido tratado. Ele sobe sozinho na mísera saleta do rapaz que jazia no seu leito e sem embaraço grita a Deus o seu protesto, diante de um sofrimento tão injusto e sem piedade por parte de uma pobre mulher tão justa e cheia de piedade. Depois, porém, confia no Senhor e estende-se sobre o corpo do filhinho gritando: «Senhor meu Deus, a vida deste rapaz volte ao seu corpo!»

O Deus da vida e da misericórdia escuta a invocação do seu profeta, e na criança volta a pulsar o coração e a correr o sangue, até que se lhe abrem os olhos. Elias toma-o nos braços, leva-o ao quarto de baixo e entrega-o à mãe estarrecida. Esta

mulher estrangeira e pagã proclama então a sua profissão de fé: «Agora reconheço que és um homem de Deus e que é verdadeira a palavra que o Senhor põe na tua boca.» (17,24). O pensamento corre para Jesus que fará reviver o filho da viúva de Naim, mas com a sua pessoal autoridade divina (*Lc 7,11-17*).

A misericórdia é, portanto, a regra de vida e de ação seja dos profetas seja de Jesus e os discípulos devem entrar nesta mesma estrada que dá alegria e esperança. Concluimos, então, com a recomendação de um grande Padre e pregador da Igreja do século IV, S. João Crisóstomo: «Queres honrar o corpo de Cristo? Não o descuides quando se encontra nu. Não lhe prestar honra aqui no templo com tecidos de seda, para descuidá-lo fora, onde sofre frio, nudez e fome».

E é por isso que não devemos temer enlamear os sapatos e sujar a roupa, entrando também nas vias pantanosas das periferias, das favelas, dos condomínios anônimos das metrópoles ou nos casebres das aldeias para descobrir o segredo do sofrimento que se esconde naqueles lugares. Era ateu, mas o famoso dramaturgo Bertolt Brecht, numa poesia, representou bem o que signifique a misericórdia cristã autêntica que entra numa choupana, imaginando esta invocação a Cristo da parte de uma família pobre: «Hoje estamos sentados, na vigília de Natal, / nós gente miserável, / numa gélida saleta. / O vento corre fora, / o vento entra. / Vem, bom Senhor Jesus, entre nós! / Volta o teu olhar: / porque precisamos mesmo de Ti».